

EDITORA

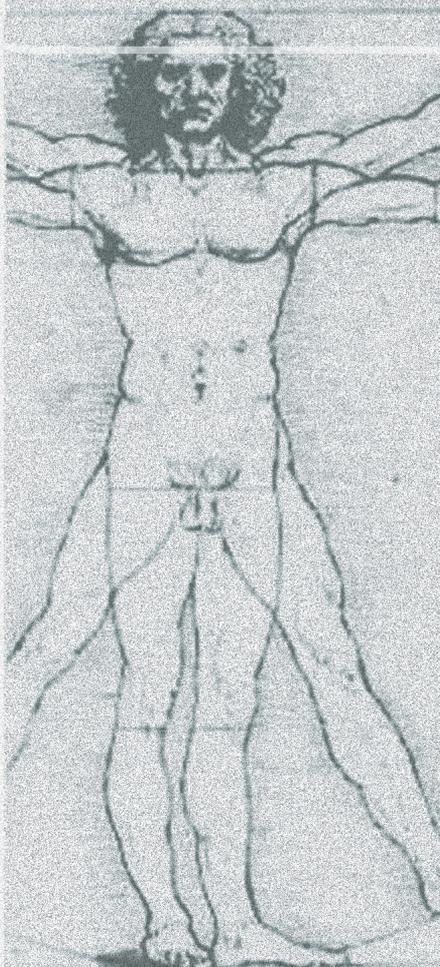


UnB

NARRATIVAS SOBRE O CORPO

Educação, arte e sociedade

Juliana Rochet
(organizadora)



 **EXTENSÃO
INSURGENTE**



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

NARRATIVAS SOBRE O CORPO

Educação, arte e sociedade

Juliana Rochet
(organizadora)



Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Guilherme de Miranda Marto
	Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Imagem de capa	Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

N234 Narrativas sobre o corpo [recurso eletrônico] :
 educação, arte e sociedade / Juliana Rochet
 (organizadora). – Brasília : Editora
 Universidade de Brasília, 2024.
 79 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-271-2.

1. Extensão universitária. 2. Arte. 3.
Educação. I. Rochet, Juliana (org.).

CDU 374.72



Sumário

Prelúdio 7

Apresentação: educação como prática de (ex)posição 9

Juliana Rochet

A “invenção de si” no trabalho das imagens:
temporalidades, arte, corpo e sociedade 15

Edson Farias e Juliana Rochet

Interlúdio 29

Escrita imersiva em reverberações do Ciclo de Formações

Diálogos Universidade-Escola: um relato de experiência
da Escola Parque da Natureza de Brazlândia 31

Edinéia Alves Cruz, Lucas de Souza Amador, Mirelle Pereira Nascimento, Rogério Gomes dos Santos e Orlando Pereira dos Santos

O corpo na UnB 39

Leilane Reboredo de Castro

Cá entre nós: um espaço para partilha de *poiesis* e *aesthesis* 47

Alice Fátima Martins

Do contar histórias em poéticas da intimidade 55

Leticia Liesenfeld Erdtmann

Vivência na dança, o corpo que se reconta 65

Emilie Sugai



Poslúdio 73

Considerações finais: Um olhar “sentipensante”
sobre o saber-fazer extensionista 75

Ana Cláudia Ofuji, Andreia Priscila Borges Costa e Kamilla Torres

Interlúdio

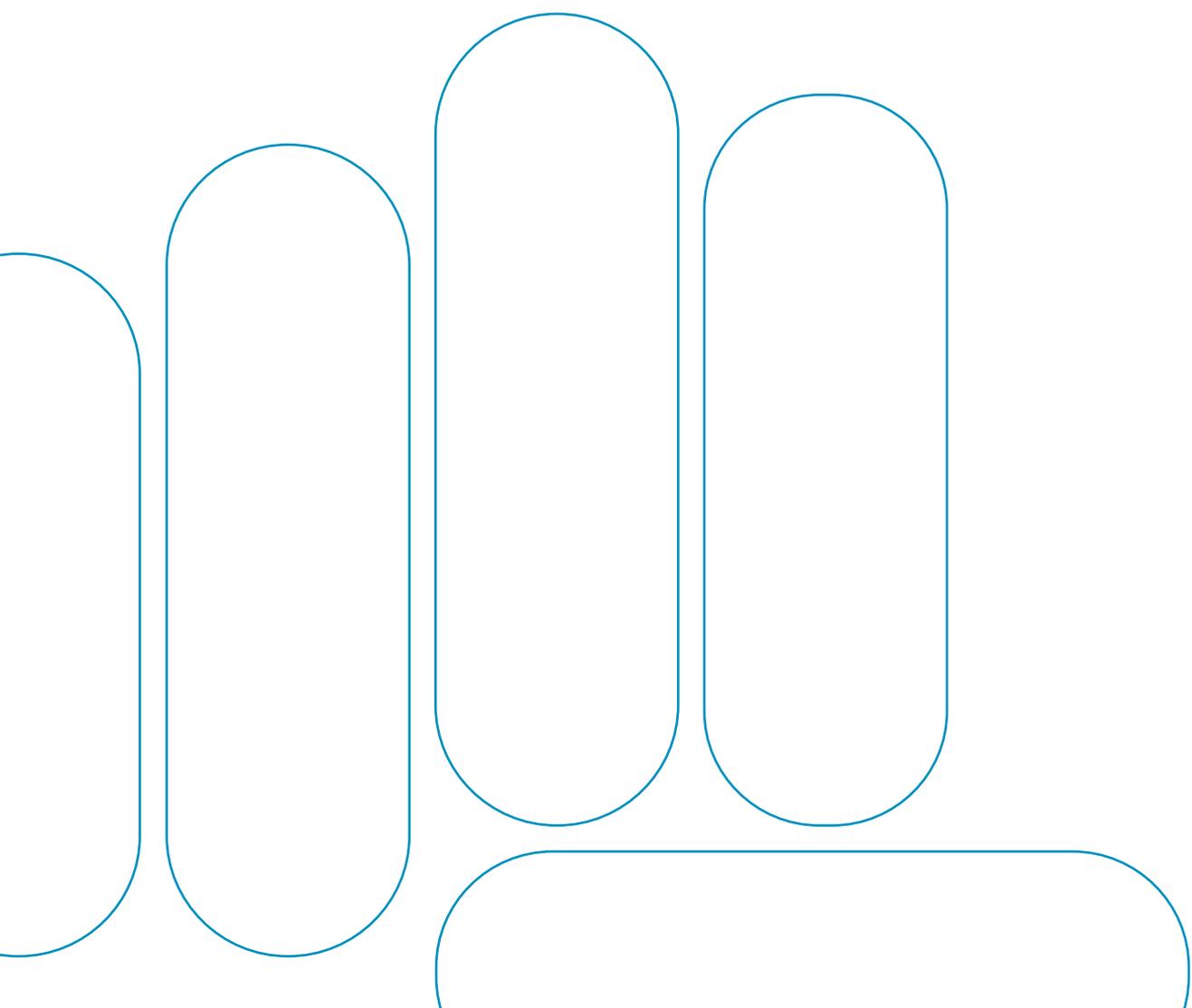
Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca*
 - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer*
 - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos*
 - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação*
 - e) Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos*
 - f) Como pegar na voz de um peixe*
 - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.*
- etc.*
etc.
etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

Uma didática da invenção

Manoel de Barros





Escrita imersiva em reverberações do Ciclo de Formações Diálogos Universidade-Escola: um relato de experiência da Escola Parque da Natureza de Brazlândia



Edinéia Alves Cruz,¹ Lucas de Souza Amador,² Mirelle Pereira Nascimento,³ Rogério Gomes dos Santos⁴ e Orlando Pereira dos Santos⁵

¹ Edinéia Alves Cruz é doutoranda em Linguística (PPGL/UnB), mestra em Administração, especialista em Supervisão Escolar, cursa especialização em Educação do Campo (FUP/UnB), é pedagoga e licenciada em Letras (Português/Inglês) e Artes Visuais. Professora da SEEDF desde 2014, atua como supervisora pedagógica da EPNBraz. É pesquisadora do Labeca (UnB/CNPq) e do GECRIA (UnB/CNPq).

² Lucas de Souza Amador cursa especialização em Arte-educação, é licenciado em Artes Visuais, cantor e multi-instrumentista autodidata. É professor da SEEDF e compõe o corpo docente da Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz).

³ Mirelle Pereira do Nascimento é licenciada em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB/DF). Professora da SEEDF, atua como coordenadora pedagógica da Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz).

⁴ Rogério Gomes dos Santos é especialista em Metodologia do Ensino da Educação Física, licenciado em Educação Física. É professor da SEEDF e compõe o corpo docente da Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz). Pesquisa planejamento didático na Educação Física, políticas públicas de inclusão e esporte e formação docente antirracista.

⁵ Orlando Pereira dos Santos é licenciado em Artes Plásticas pela UNB e professor da SEEDF há 22 anos e compõe o corpo docente da Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz). É especialista em Ensino Especial e aprecia escrever letras musicais.

Relatar uma experiência que reúne humanidades, processos de conscientização (Freire, 2016) e travessias emancipatórias é algo para se sentir e realizar coletivamente, em roda (Warschauer, 2017). Por isso, este relato pode ser compreendido como tessitura escrevível por dez mãos que seguram e se sustentam em outras tantas.

Trata-se da partilha do que foi vivenciado num encontro pedagógico, pensado como convite à reflexão e expressão sobre e com os sentidos das participações dos sujeitos educadores-aprendentes atuantes na Escola Parque da Natureza de Brazlândia nos encontros formativos referentes à ação de extensão Diálogos Universidade-Escola, vinculada ao Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura & Arte – Labeca (UnB/CNPq).

O objetivo compromissado do Labeca é de realizar vivências, estudos e pesquisas interdisciplinares coordenadas para a compreensão de processos educativos múltiplos, permeados por expressões criativas e linguagens artísticas, integrando agentes educativos da Universidade, da escola pública de educação básica, das comunidades e demais instituições com anseios convergentes.

Nessa perspectiva, para o ano 2022, foi proposto pelo Labeca que se construísse o percurso formativo no âmbito da ação Diálogos Universidade-Escola com a temática *O mais profundo é a pele*, inspirada no verso do poeta Paul Valéry em sintonia com as considerações do filósofo Nietzsche sobre o corpo. Assim, a Escola Parque da Natureza de Brazlândia (EPNBraz), de mãos dadas com o Labeca, iniciou a Jornada poéticas do corpo: saberes, fazeres, política e vida; cuja duração foi prevista para o período de junho a dezembro.

Foram desenvolvidas duas atividades dessa jornada em roda: a abertura e a mesa redonda *O corpo em trama: saberes-fazeres, políticas & poéticas*; na véspera do recesso escolar. As pessoas que são a EPNBraz foram convidadas pela supervisora pedagógica da escola a escrever sobre as reverberações dos Diálogos Universidade-Escola nas dimensões que os constituem como seres humanos e profissionais educadores-aprendentes.

Na agitação comum ao último dia de atividades escolares do semestre, os professores Lucas, Rogério e Orlando e a coordenadora pedagógica Mirelle se sentiram instigados a aceitar o convite e vieram para a roda. Nos organizamos e, antes dos estudantes chegarem, pusemo-nos ao exercício de escrever.

A metodologia utilizada nessa roda de escrivência teve como referências as construções de outro coletivo, o Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa – Gecria (UnB/CNPq), coordenado pela Professora Juliana de Freitas Dias. É parte de processos de autoeducação e de educação coletiva a partilha de saberes cujos significados, em termos de avanços em emancipação humana, nos afetam. Isso une pessoas pela boniteza do que acreditam e fazem reverberar para o mundo, é uma espécie sutil de resistência e revolução (Freire, 2021).

Para iniciarmos, visitamos o blog *Coleção de areia*. Lá, foi feita leitura sobre o mais profundo ser a pele, em (in)conclusões convidativas à abertura de outros horizontes em que se desenha palavreando

Nascente e oceano. Dado e construção.
Concretude e abstração. Transbordamento

e solidão.
Pele. pela. [palavra]
[Palavra]. pela. pele

(Rochet, 2021).

Em seguida, compartilhamos a leitura da poesia *Minhas peles*, de Darcy Ribeiro, seguida de outra autoral a que dei o título de *Sobre peles e veias*. Nessa junção, pusemo-nos a pensar com a percepção das peles que nos cobrem ao longo da vida e o que permanece em nós e de nós depois de se tornar necessário trocá-las, abrir mão de uma para colocar noutra, como fizemos no início da mística de abertura da Jornada, no gramado despertador de saudosismos do Memorial Darcy Ribeiro. Isso resultou em partilhas de reflexões sobre a figura de Darcy Ribeiro no cenário educacional brasileiro e as possibilidades que nos movem como educadores da escola pública. Suspiros foram soltos no ar.

Como estratégia para apurar as sensações indizíveis que preenchiam tais suspiros, foi partilhado com o quarteto uma produção audiovisual composta por uma sequência de fotografias do nosso ponto de partida formativo, ao som da canção *Obrigado, Darcy!*, de Evandro Fióti e Emicida, introduzida por Caetano Veloso narrando o desabafo de Darcy Ribeiro ao declarar:

fracassei em tudo que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Mas os fracassos são minhas vitórias, mas os fracassos são minhas vitórias, eu detestaria estar no lugar de quem me venceu (Darcy Ribeiro).

As fotografias foram organizadas no vídeo conforme a linearidade temporal dos acontecimentos do encontro. Foi possível revisitar memórias da reunião de pessoas no gramado, das falas entusiasmadas dos professores Coutinho e Alexandre Pilati sobre Darcy e a UnB no Beijódromo, da visita ao acervo do Memorial Darcy Ribeiro e dos espantos de perceber-nos, enquanto éramos embalados pela leveza da proposta do piquenique poético, coordenado pela colega de Labeca, Julia Fagundes. Outros suspiros emergiram.

Então, foi proposto ao quarteto pensar em como os sentidos do Ciclo de Formações Diálogos Universidade-Escola tocam nossas peles. Tendo escrito o início “a palavra pela pele”, foi sugerido aos participantes continuar o texto, ao sinal de início, escrevendo sem parar. Não depressa, sem parar. Sem preocupação com as normas do uso padrão da língua nem com as verificações dos significados das construções. Apenas escrever, usar sem medo as palavras, deixar transcender para o papel os textos que carregavam em si os sentimentos que enchiam aqueles suspiros soltos involuntariamente, minutos antes, ao longo do desenvolvimento dos Diálogos Universidade-Escola e de toda a vida.

Foi acordado também que, ao longo do tempo de escrita, seriam sugeridos cinco binômios fantásticos, como propõe Giani Rodari (1982) em sua *Gramática da fantasia*. Construídos a partir das reflexões do grupo sobre as duas atividades desenvolvidas, verbalizadas ou não, os binômios fantásticos sugeridos foram, respectivamente: 1) aprendizado

sentido; 2) vulnerabilidade suficiente; 3) atravessamento que situa; 4) pulsar teorizações; e 5) exalar práxis. Eles poderiam ser integrados ao texto ou não, modificados ou não, ignorados ou não. As opções deveriam depender apenas dos sentires de cada escritor da roda.

O processo de escrita espontânea durou 20 minutos. Então, foram utilizados mais cinco minutos para releitura, corte, supressão, substituição ou correção de palavras, com vistas à adequação do texto ao que cada participante desejava expressar. Após dois minutos de relaxamento e recomposição pessoal, os escritores foram convidados a partilhar as primeiras versões dos textos que deram à luz. Foram orientados a deixar os textos dormirem até o final do expediente para, então, relê-los e reescrevê-los, se julgassem necessário, e convidados a partilhá-los com todos os colegas da equipe escolar. Assim foi feito.

É importante observar que cada um abordou a profundidade da pele percebida nas reverberações do ciclo de formações de forma muito particular, mas em diálogo e complementariedade com as dos demais. Isso evidencia a originalidade inerente à autoria docente em seus processos criativos e elucida a relevância das construções coletivas que valorizam as contribuições dos pares, com vistas a objetivos comuns.

O professor Lucas privilegiou em seu texto os sentires que vêm permeando sua forma de ser gente, pulsando e desaguando uns nos outros, nas relações diversas que estabelece e nas ações que desenvolve na vida e na profissão. Ele escreveu:

a palavra pela pele. Qual o nome da minha pele? Quais são as marcas que me possibilitam estar aqui? Durante a vida, passamos por tantas experiências, traumas, dores, realizações e fracassos que nos trazem um aprendizado sentido. São tantas marcas que nos fazem pessoas. Mas o que tem por debaixo da sua pele? É um dos questionamentos persistentes na minha mente. Eu sinto a pele, o peso de ser coberto de tudo que já vivi. Essa vulnerabilidade suficiente, essa aproximação com o interior, a cada centímetro mais perto da alma, me aproximam mais da pele. O atravessamento que me situa me leva e me traz. Seria esse o sentido da vida? Olhar as nossas cicatrizes e entender que a pele é em seu todo o resgate da nossa história e é muito mais profundo do que imaginamos. Para pulsar mais teorizações, a pele muda, se transforma, se adapta ao desejo da alma, à precisão do corpo. Afinal, todos florescemos. Só que cada um na sua própria estação e profundidade, para exalar práxis e colaborar com o florescimento de outras peles. Afinal, a profundidade do mundo está nas cicatrizes que nele vivem (Lucas de Souza Amador).

Em seu texto, a coordenadora Mirelle deu ênfase ao processo de conscientização sobre si mesma como educadora que se dispõe a seguir aprendendo enquanto convive e enquanto sujeito que reconhece a função social e as contradições da área de atuação profissional que escolheu. Ela escreveu que

a palavra pela pele traduz jornadas. Num emaranhado de jornadas, únicas que só, compartilhamos do que é feita a nossa pele, o que nossa pele guarda e o que nossa pele exala. Nossa pele reage a tudo que vivemos. O Ciclo de Formação Diálogos Universidade – Escola nos coloca no lugar de sujeito

reflexivo e num constante aprendizado sentido pela pele, numa complexidade de ideias e movimentos que faz com que nossa pele fique sedenta pela procura da resposta do que é saber ser e saber fazer. Compartilhando conhecimento, nossa pele se encontra vulnerável através do processo de troca. Porém, é uma vulnerabilidade necessária e suficiente para um ser em formação. Tratam-se de atravessamentos por ideias, emoções e descobertas que nos moldam e nos situam. Somos feitos de inúmeras peles. Nenhuma delas engessada. Ficam impregnadas em nós, mas, à medida que trocamos de pele e alcançamos o processo de amadurecimento, nossas outras peles tomam outro significado. Nossas peles pulsam teorizações únicas. Nos colocam num universo imersivo de teorizações que nos dão capacidade e liberdade de pensar, dialogar, filosofar e construir sentidos. Nos impulsionam. Nos impulsionam. Pele é pulsação. Pele é movimento. Pele é história. Nossa pele exala práxis no sentido de ser sujeito, ser educador e ser educando, ser reflexivo sobre o que é nosso, nosso maior órgão: tênue, complexo e memorável (Mirelle Pereira do Nascimento).

O professor Rogério evidenciou em seu texto a forma pela qual se percebeu transpondo as teorizações que mediaram os encontros formativos em questão para o cotidiano escolar. Ele chamou a atenção para o desenvolvimento de uma pedagogia engajada, que ressalta o valor dos processos de aprendizagem em oposição à dinâmica neoliberal de supervalorização do produto e redução de gentes à mão de obra em linhas de produção. Ele escreveu:

a palavra pela pele. Mas, o que é pele? Peles são experiências, peles são causas, causas são lutas, as lutas são o vestir a camisa, essa camisa são minhas crenças. O filósofo e teólogo Tomás de Aquino dizia que “quem não vive o que acredita, acaba acreditando no que vive”. Eu acredito na educação. Sou convicto e me desdubro por ela, pois por ela vêm o meio necessário para a mudança que queremos. E que mudanças são essas? Mudança no olhar o outro, na política, na sociedade e na economia. Com isso chegamos às minorias, àqueles e àqueles excluídos e esquecidos... os pobres, os negros, as mulheres, os homossexuais, os indígenas e enfim todos os marginalizados. Vale lembrar que já demos muitos passos até aqui. Quantos homens e mulheres sonhadores abriram caminho para chegarmos a uma utopia possível? Devemos levar em conta os aprendizados sentidos. De minha parte, relato que certo dia minha pergunta em uma formação foi: “o que fazer para criar interesse no outro em relação àquilo que eu produzo?”. Descobri de forma simples que a resposta é “ir devagar nas inovações, produzir menos e viver mais o que já se criou”, no sentido de parar para dar mais atenção ao que temos e ir implementando sentidos das ações, em vez de viver do novo e de novo, sem uma reflexão. Só as novidades importam e atraem? Para quê? Para elas serem logo descartadas? Temos que nos demorar mais nas atividades, processos, gestos e movimentos. Se vivemos só de novidades, nos tornamos uma máquina, com comportamentos robotizados. Assim, o “Outro” não se torna importante, não aprende, não se interessa, fazendo com que a prática pedagógica pareça obsoleta e sem sentido. Pois bem, noutro dia lá na escola, levei uma brincadeira que vi um outro professor desenvolvendo: o “jogo da memória”. Desenvolvi na minha aula, na Estação Educativa Jogos Cooperativos. Troquei o estafeta pelo skate. Deu certo. A experiência foi um sucesso e o interessante é que me lembrei do

encontro formativo do projeto Diálogos Universidade-Escola. Percebi-me partindo da teorização para a prática. Pensei admirado: “Tá aí o que foi dito! Tenho que demorar nessa brincadeira, deixar brincar, umas duas vezes ou mais. Deixar tomar gosto!”. Entendi que o que fica é o que se repete, se cultiva, aquilo a que se dá tempo de valorizar, porque só se ama o que se conhece. Como é difícil se permitir atravessar pelas teorias! Mas, por fim, tudo tem um começo e o começo é agora: vestir a pele da Educação (Rogério Gomes dos Santos).

O professor Orlando partiu do sentido anatômico da pele, para desfiar as metáforas que conduzem à sua profundidade, enquanto instrumento de viabilização dos processos de “saber-nos” (Arroyo, 2013) como profissionais e sujeitos omnilaterais, que desenvolvem cotidianamente posturas políticas. Ele registrou em seu texto que

a pele de cada ser parece representar um invólucro, um delicado embrulho, protetor do corpo e da alma, da forma de pensar e agir no mundo de cada um, de todos. Ela é o maior órgão do corpo e vista rapidamente, em um simples olhar, revela uma fina camada, tênue, mas que é fortificada por outras partes de sua superfície a proteger os nossos aprendizados sentidos e buscados ao longo de nossa trajetória de vida, visto que sua vulnerabilidade é suficiente o bastante para abarcar as demasiadas outras peles que, supostamente, vislumbramos encontrar no atravessamento de pontes que vamos construindo, tecendo, a fim de alcançarmos o lugar onde se situa a concreção de nossos objetivos, por vezes não atingidos. Porém, devemos nos importar mais com o caminho, as paisagens, os vínculos firmados, os variados encontros, as amizades, as afetividades, do que propriamente com a chegada. E que isso tudo pulse nos movimentos das veias cheias de velocidade, debaixo da pele. Que apareçam as provocações da vida diária, das vivências e das teorizações livrescas e imagéticas e de outros contextos, do cheiro da pele a escalar o conhecimento imaginado, procurado em lugares, pessoas, pensamentos, artigos, para ganhar um corpo de palavras, ações dentro de uma pele sem fronteiras e quem sabe e, quem sabe, ser praticado (Orlando Pereira dos Santos).

Quando as versões finais dos textos paridos em nossa roda de escrita foram compartilhados por seus respectivos autores com seus pares de atuação profissional e defesa da educação pública, as expressões eram de orgulho e empoderamento coletivo. Não só pelo produto final, mas pela representatividade de todo o grupo, em alguma medida, nos sentidos do que foi escrito.

O Ciclo de Formações Diálogos Universidade-Escola diminui as distâncias entre pessoas e instituições e cria espaços sociais de aprendizado e construção coletivos de conhecimento e cultura, abrindo janelas para que grupos de estudos e pesquisa se reconheçam como movimentos sociais organizados (Gohn, 2012) que têm como agência a valorização humana e o investimento na educação pública, laica e emancipadora.

Nesses espaços, que não são necessariamente físicos, são consideradas as relações entre sentir, pensar e agir, oportunizando a criação de comunidades de mudanças (Ribeiro; Dias, 2021) que se ocupam em viabilizar formas de desenvolver outras

pedagogias, engajadas, vinculadas às causas contra-hegemônicas e comprometidas com as transformações sociais (Arroyo, 2014).

Com a esperança de iniciar outras discussões, (in)concluímos este relato de experiência, reforçando que a parceria entre Labeca e EPNBraz reforça os sentidos da luta diária para romper a bolha cujos reflexos roubam a humanidade de corpos precarizados pelas realidades que lhes restam dentro do sistema capitalista neoliberal (Arroyo, 2019). Escrever é um ato político, nossas palavras não são só nossas.

Referências

ARROYO, Miguel G. *Currículo, território em disputa*. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel G. *Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

RIBEIRO, Djonatan K.; DIAS, Juliana de F. Comunidades de mudanças: abraçando mudanças de sentir, pensar e agir em pesquisa social. In: DIAS, Juliana de F. (org.). *No espelho da linguagem: diálogos criativos e afetivos para o futuro*. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 83-118.

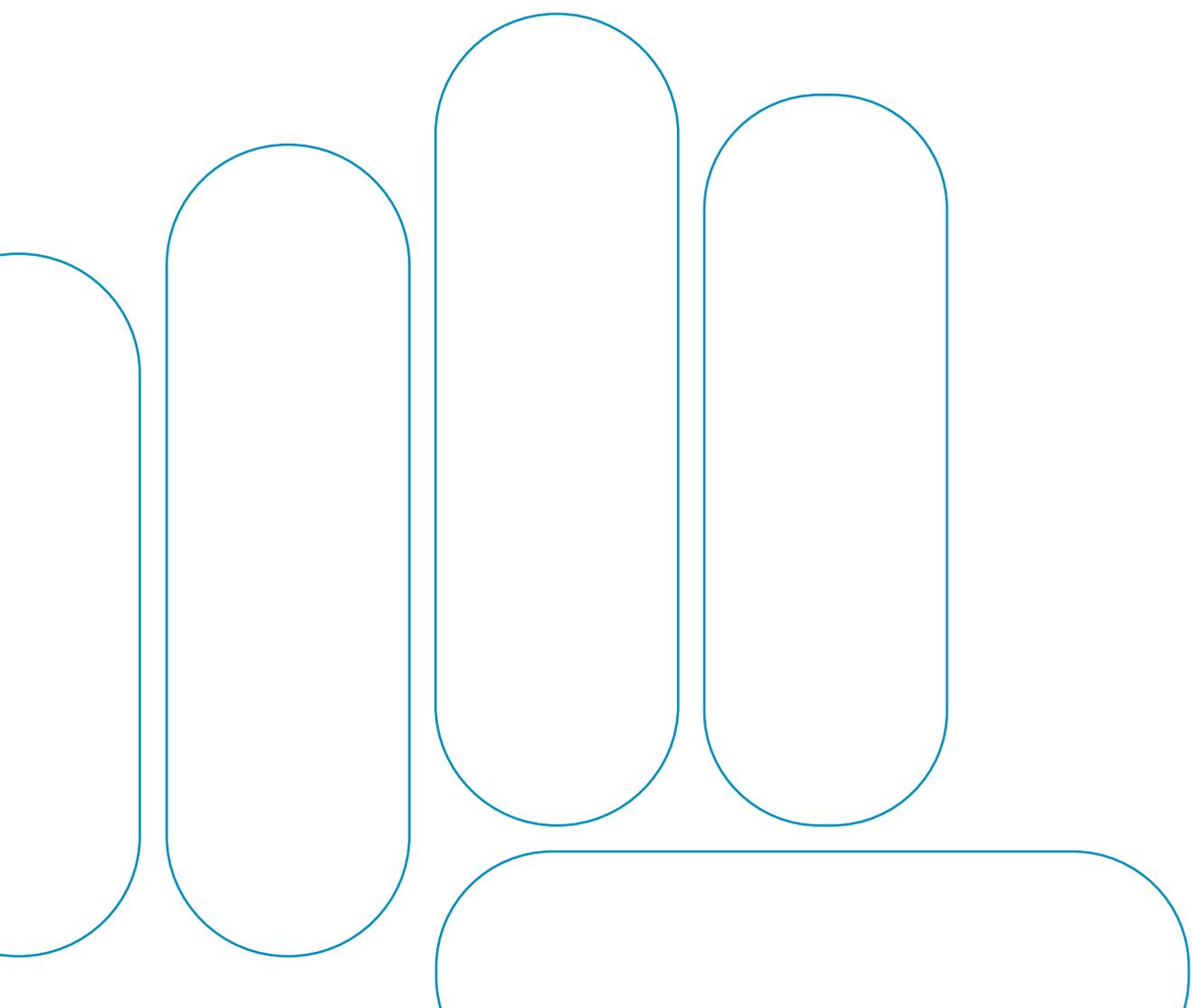
FREIRE, Paulo. *Conscientização*. Tradução: Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Ana M. A. (org.). *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GOHN, Maria da G. *Movimentos sociais e educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução: Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.



A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

NARRATIVAS SOBRE O CORPO

Educação, arte e sociedade

Que histórias o corpo conta? Como nossos corpos contam, dançam, imaginam, compartilham histórias? Narrativas sobre o corpo – educação, arte e sociedade não apenas procura responder a estas questões, mas convida o(a) leitor(a) a dialogar e a se “ex-por” às tramas do corpo, ao corpo que cria, ao corpo que (se) conta. Originada do projeto de extensão O mais profundo é a pele e das apresentações realizadas ao longo da Jornada Poéticas do Corpo, a coletânea conta com colaborações de docentes, discentes e pesquisadores(as) da UnB, da Universidade Federal de Goiás e da Escola Parque da Natureza de Brazlândia - DF, todos com distintas (e ricas) trajetórias e atuação em variadas áreas de conhecimento. Destes encontros nasceram sete capítulos, bordados pelas palavras de Manoel de Barros. Entre aprendimentos e ignoranças, os capítulos estão organizados entre Prelúdio, Interlúdio e Poslúdio. A boniteza deste processo de narrar o(s) corpo(s) reluz ainda mais porque acontece no âmbito de uma ação de extensão, provocando o trânsito entre universidades e escolas, “entre peles, fronteiras e territorialidades”, radicalizando a partilha entre saberes e fazeres diversos. Um livro feito de corpos e palavras, para seguirmos caminhando, aprendendo e narrando juntos.

Luciana Hartmann

Professora titular do Departamento de Artes Cênicas/UnB.

EDITORA



UnB

